

ARTE CONTEMPORÂNEA COMO TRAIÇÃO OU TRAGAM SUAS TRAIÍRAS!

Larissa Ferreira. Mestranda em Arte - UnB
Profa. M Sc Maicyra Teles Leão e Silva - UFS
Profa. Dra. Maria Beatriz de Medeiros - UnB
Marta Mencarini Guimarães. Mestranda em Arte - UnB

Resumo: Este texto trata (maltrata e trai) da arte contemporânea como traição e apresenta diversas margens desta, tais como a tradição e a tradução, assim como diversos *platôs* desta traição.

Palavras-chave: traição, tradução, tradição, arte contemporânea.

Abstract: This text deals (abuses and betrays) the contemporary art as treason and presents some borders of it, such as tradition and translation, as well as several plateaus of this treason.

Key words: treason, translation, tradition, contemporary art.

*É preciso pensar o pensamento como
irregularidade intensiva.
Dissolução do eu.
FOUCAULT.*

A arte contemporânea que não consegue ser conceituada por teóricos, críticos, historiadores da arte¹, aquela que é heterogênea, múltipla, diversa, dispersa, que foge das regras, normas e bordas pode ser fidelidade às tendências, às instituições legitimadoras, fidelidade ao mercado, enfim, uma fidelidade capitalista. Pode também ser traição. E é esta arte que nos interessa, isto é, a arte contemporânea como traição. *Tragam suas traíras!*

A arte contemporânea vive na ausência de uma história onde talvez tenha havido normas, regras e conhecimentos sólidos e desta ausência provocadora nasce uma necessidade de traição, pois a traição é, muitas vezes, gerada pela ausência, uma ausência de humores, uma ausência de presença, uma ausência que permite um brilho nos olhos para o que antes era imperceptível, cotidiano e barato.

Como receber e perpetuar a tradição, como tal, sem traí-la, se ela envolve aqueles que herdaram um passado, a ser perpetuado? Um passado que possivelmente o presente não queira mais e por vezes não sem razão (DELY, 2007).

A arte contemporânea, em sua grande maioria, é tradução de um passado de arte, isto é, da tradição, mas também ela exige um traduzir a cada instalação (pintura, objeto, vídeo), a cada performance, ou seja, ela é *site specific* e como tal tradução a cada passo, traição a cada laço.

‘Traição’ e ‘tradução’ têm as mesmas raízes etimológicas. ‘Traição’ nasce de trair, do latim *tradere*, que por sua vez é composto de *trans-dare*, ‘dar, ‘transmitir, entregar’ no sentido pejorativo. Já ‘tradução’, de *trans*, ‘além’ e de um primitivo *dere*, colocar, é ação de transmitir, entregar, propriamente, isto é, colocar além, intrinsecamente ligada à interpretação. A tradução busca o transbordamento, tenta uma aproximação, mas não alcança, cristaliza e mente.

Traição. (do latim “tradicione”, entrega) S.f. [...] 2- crime de quem perfidamente entrega, denuncia ou vende alguém ou alguma coisa ao inimigo; perfídia (AURÉLIO, 1975, 1405).

Trair (o ímpeto)

Iniciar com afirmativas pressupõe sua negação e, para os mais ousados, subversão traiçoeira. Quem nega, corrompe o *Sim!* Afirmada no laço de confiança e no elo de correspondência (elo de correspondência também na tradução). Traduzir é encontrar um correspondente não-igual, mas prima(o), a medida do comprometimento traiçoeiro avança para uma maior responsabilidade quanto ao que se gera com a traição. Ela abala e desestrutura. É força destrutiva que quando dosada com volúpia constrói a partir da potência imamente de renovação da situação estável. Tradução: rasteira que convida a re-levantar. Rio que quer correr: traição sincera que contém conteúdo de verdade comprometida com a sinceridade.

A traição pode ser “boa” quando corrompe laços e constrói outros sendo como um fluido, dinamizando transversais, permitindo afecções ativas, *bons encontros* (SPINOZA, 1954) e apresentando-se como *potência para agir* (DELEUZE, 1995). Pode também ser “ruim”, quando não é sincera e é feita com maldade (que pode ser sincera), subtraindo-se as potencialidades de afecções ativas, *maus encontros* (SPINOZA, idem), apresentando-se como *potência para padecer* (DELEUZE, idem). Traição: rasteira que quebra as pernas.

A traição é a mentira associada à ruptura, a negação da sinceridade acordada entre pares, o conteúdo de in-verdade (in: interior). A traição relaciona-se ao velado, ao encoberto, ao camuflado. Ela gera desejo de descoberta, descobrir, desvendar. A traição na arte contemporânea é vontade de potência (NIETZSCHE, 1987; DELEUZE, 1995), ligada intrinsecamente ao descontrole desejante. Porém reclamamos a vontade de traição à vontade de verdade velada. Afastamo-nos da vontade de verdade, mas do conteúdo de verdade (ADORNO, 2008). O conteúdo de verdade para Adorno é a resolução objetiva do enigma de cada uma delas e o enigma é saber se a promessa é fraude. Ainda que por vezes nos encontremos nela (fraude), quando há vontade de reduzir-se ao signo. A arte contemporânea, que trai, é traição ao uno sígnico.

Traição também pode ser o pecado travestido, que percorre relações sadias e corrompidas pelo desejo de mutabilidade sem agressão; a vontade de respeito ao outro sem ofender. Ela avança entre os normais e os comuns cotidianos de forma velada e escancara-se no íntimo sem tomar a dimensão pública do outdoor. É escondida e escorregadia sem garantias.

Na arte contemporânea, cala-se com o intuito de manter-se num vínculo que favoreça a circulação e a veiculação da obra. Obra emprestada a lobbistas, vitrinista, galeristas, curadores, patrocinadores e comissões julgadoras, a qual é apaixonadamente traída pelo impulso do que agrada e do que lhe afeta. Como colocar em circulação e ampliar o alcance?

Traicionar (medida estratigráfica)

A traição aqui é entendida em sua diversidade estratigráfica. Isto é, composta de estratos em constante movimento através da penetrabilidade de fluidos e de ventos constantes, mutantes, descentes, ascendentes, transversais e contaminações.

São platôs de traição: (a)idade, (b)idade, (c)idade, (de)idade, (fe)idade, (ge)idade, (lê)idade, (me)idade, (r)idade, (p)rosperidade, (v)idade, (z)idade.

(a)idade – Traição à necessidade de vanguarda, atemporal, sem memória, sem futuro, incoseqüente. Odor de um suor evaporado, persistente. Como, por exemplo, os impressionistas, renascentistas, neoclassicistas do século XXI.

(b)idade – Traição que assume o duplo como representante do estado do Uno. Assumir o Eu e o Outro como um estado perene do Eu, que está sempre em relação, sendo o Outro o exterior e o si-mesmo. Como, por exemplo, o crítico de arte que é artista e o artista que na falta de crítica, se auto-analisa. Citaremos Bia Medeiros, Diana Domingues, Gilberto Prado, Suzete Venturelli e tantos outros.

(c)idade – Traição da cidade vista como organização, como organismo, onde solidões se solidificam e encontro não há. A cidade traição é local/espço do encontro traiçoeiro, gerando olho no olho, dente por dente, desejo, estar com, arte, denominada coletividade heterogênea. A traição que fortalece a potência de matilha e a singularidade da multidão. Desejo de estar em mutirão; traíra que canta a revolta. Como ressonantes na arte contemporânea temos os coletivos artísticos: 3Nós3, A-Feto, Bijari, Casa Experimental de Arte, Chelpe Ferro, Cia Cachorra, Coletivo Entretantos, Coletivo Interatividade, Corpo Piloto, Corpos Informáticos, Couve-Flor, E/OU, Entorno, Epa!, ERRO, Formigueiro, Frente 3, Grupo, fevereiro, Grupo 8 Pés, Grupo Eia (Experiência Imersiva Ambiental), Grupo Empreza, Grupo HÁ, GIA (Grupo de Interferência Ambiental), Grupo UM, Horizonte Nômade, Interluxartelivre, Interurbanos, Kasa Vazia, Laranjas, Linha Imaginária, Manga Rosa, Manhas e Manias, Media

Sana, NeoTao, Nervo Óptico, O Mergulho, Ornitorrinco, Orquestra Organismo, Performático Subterrâneo, Performatilha, Pipoca Rosa, Poro, Quadrilátero F, Radial, Re:Combo, Rés do Chão, Seis Mãos, Telephone Colorido, Transição Lustrada, Urucum, Viajou sem Passaporte, Xabore.

(de)idade – Divindade, pessoa ou coisa, que se admira e se venera. Trata-se do artista de rua, reconhecido como louco, maltrapilho, mendigo, dizendo verdades inaudíveis, escrevendo o indizível que faz babar os hipócritas da sociedade. O filósofo Agamben chamaria de *homo sacer*. No entanto, estes, que compõem a deidade da traição, se tornarão venerados. Bispo do Rosário, Gentileza, Luciana², Estamira³. Algumas traições do estrato deidade pertencerão num futuro próximo ao estrato (fé)idade, por outros atores da cadeia traicional. Aquele que era des-sacralizado torna-se sacro pelo batismo daquele que o legitima. “Gentileza gera gentileza”, onde lê-se “Gentileza gera genti-lesa”.

(e) idade - [...]

(fe)idade – Complexo do belo acompanhado da feiúra e da podridão de um sistema falido e em crise. A fé que se deposita num papa diabólico propagador da segurança do discurso da negação e do proibido, supostamente melhor e correto. A arte que trai para legitimar-se entre curadores e marchands. Deita-se com aquele que te reduz, corrói e rotula. Traição que firma um pacto de pertencimento. O pertencer enquanto perene e transitório; a fabricação de ícones do minuto, ícones da semana, ícones do mês, ícones do ano. Aqui citaremos Romero Brito e Vik Muniz.

(g)idade (lê-se ge-idade) – A ge-idade é secreta, algo que se busca, mas que se encontra no contato. A teoria aborta a ge-idade. Neste estrato encontramos artistas inatuais, ou seja, que estão a frente do seu tempo e serão revelados como tal muitos anos depois. Como Duchamp, reconhecido com 50 anos de retardo; Bosch, reconhecido com 300 anos de retardo; Spinoza com 400 anos de retardo.

(le)idade, (me)idade - [...]

(p)rospereidade – Marchand (*para bom entendedor, meia palavra basta*).

(r)idade – Cômico, risível, bem-humorado, galhofeiro, irônico, *clown*, palhaço, mímico, divertido, burlesco, hilário, fanfarrão. Alex Hamburger, Cirilo Quartim, Fernando Aquino, Jean-Jacques Lebel, Leo Bassi, Paul McCarthy, Xico Chaves, Zé Regino, Wagner Barja.

A ironia eleva-se e subverte, o humor deixa-se cair e perverte.
(FOUCAULT, 2005, 81).

(v)idade (Vide idade vida via á-vida) – Sopro vital acompanhado do compasso poético que assume ritmo e melodia. Do grosseiro e do sutil á delicadezas que se instauram no trair e provocar a dor contaminando a célula íntima, partícula de afecção e movimento. Agir a favor do efêmero e da insatisfação em estar no mesmo lugar. Rio extravasado em seu curso, fragmentos de arte em leito e outros rastros de arte sem destino.

André Santangelo, Artur Barrio, Artur Leandro, Artur Matuck, Ana Maria Maiolino, Almicar Parcke, Ayrson Heráclito, Ângela Freiburger, Alexandre Vogler, Adriana Cascaes, André Santangelo, Antônio Manuel, Aslan Cabral, Andrea Farias, Adriana Vignoli, Alexandre Cerqueira, Barbara Rodrigues, Beatriz Lemos, Bia Medeiros, Bruno Vilela, Caetano Dias, Camila Melo, Cristiano Lenhardt, Cristina Ribas, Daniela Bezerra, Denilson Santana, Danilo Barata, Daniel Lisboa, Daniel Seda, Daniela Bezerra, Ducha, Edson Barrus, Fábio Baroli, Fernanda Mendonça, Fernando Perez, Flávia Vivacqua, Fábio Duarte, Flávio Rabelo, Floriana Breyer, Gabriela de Andrade, Gê Orthof, Gisel Azevedo, Goto, Geraldo de Barros, Guto Lacaz, Gaio, Hudmilson Junior, Helio Fervenza, Hieronimus do Vale, Ivald Granalto, José Aguilar, José Eduardo Garcia de Moraes, José Celso Martinez Correa, João Angelini, Junior Pimenta, Kika Nikoleka, Krishna Passos, Lucio Agra, Larissa Ferreira, Letícia Parente, Leopoldo Wolf, Lourival Cuquinha, Luan Grisolia, Luciana Paiva, Lia Letícia, Luis Duva, Luiz Olivieri, Márcia X, Marco Paulo Rolla, Mangala Bloch, Manuela

Eichner, Marcelo Cidade, Mariana Manhães, Marcondes Dourado, Mauro Espindola, Marcelo Gandhi, Marta Mencarini, Maicyra Leão, Marina Rocha, Marco Paulo Rolla, Márcio Almeida, Mayra Miranda, Miguel Ferreira, Milton Marques, Michel Groisman, Micheline Torres, Nelson Leirner, Oriana Duarte, Otavio Donasci, Paulo Bruscky, Polyanna Morgana, Paulo Meira, Raquel Nava, Rodrigo Braga, Rodrigo Lourenço, Rodrigo Paglieri, Rubens Guerchman, Ricardo Basbaum, Renato Cohen, Ronald Duarde, Rubens Pileggi Sá, Shima, Simone Michelin, Sonia Paiva, Tomás Seferin, Tuti Minervino, Valéria Américo, Wesley Duke Lee, Wolder Wallace, Valeria Américo, Zé Mario, Yuri Firmeza.

(z)idade – Fala do etcetera de trair: extrair (ex-trair), distrair (dis-trair), retrain (re-trair).

Traição (enquanto fruidor)

Reflexões incompletas:

- Sobre a traição pesa a pessoalidade/localidade.
- Se a traição não for descoberta ela não é traição. Por isso ela precisa ser uma verdade velada para que possa ser desvelada.
- O grande público não foi informado da traição e será o último a saber. Se o último a saber é o público. O último é o traído?

A sensação da traição é localizada a partir do ato de desconfiar e desconfiar, por sua vez, é romper com a confiança. Ou seja, desconfiar é descomprir com algo, com o laço de confiança.

A obra aberta (ECO, 2008) é obra-traição que deseja ser des-coberta. A relação com o público é de revelação, sujeitos fruem desvelando algum sentido (dado pelos sentidos e pelo conhecimento). Sentido que estará sempre encoberto, ainda que algum véu tenha sido retirado. A traição na arte contemporânea carrega a multiplicidade (alguns dirão sígnica e outros dirão cínica) que se presentifica em possibilidades heterogêneas, caminhos divergentes. Possibilidades que são descobertas quando encobrem-se outras em que, por mais nua que seja a suspeita da verdade, haverá sempre rastros

de outras traições camufladas. Signicamente e cinicamente a arte contemporânea trai o público, confunde para que o segredo permaneça.

O segredo, é que o inconfessável jamais é ultrapassado, jamais saímos dele, e portanto jamais o confessamos. Mesmo e sobretudo quando se confessa (DERRIDA, 2005, 35).

Perder um segredo, tanto pode querer dizer revelá-lo, publicá-lo, divulgá-lo, quando guarda-lo tão profundamente na cripta de uma memória que ali fica esquecido ou que se deixa mesmo de compreendê-lo e de ter acesso a ele. Neste sentido, um segredo é sempre um segredo perdido (idem, 24).

Pirataria
Apropriação
Fraude
Roubo
Falsificação
Cópia

Traíra: (var. de *taraíra* tupi, *tare'ira*; outras var.: *taraíra*, *tarira*, peixe teleósteo da família dos caracídeos). 1- [...] Seus dentes são muito cortantes, é carnívoro, considerado um dos maiores inimigos da piscicultura. 3 - bras. chulo; **O pênis** (AURÉLIO, 1975, 1405).

TRAIÇÃO
TRAÇÃO
TRA
AÇÃO
TRAÍRA
RAÇÃO
RAZÃO
CÃO
AI

Aproveitamos a forma da traição acima para fazer o devido paralelo entre o presente artigo e a reflexão inspirada pelo trabalho realizado por Shirley Paes Leme de 2004, denominado “Mundo da arte”. O trabalho da artista se compõe em três garrafas de cachaça. Cada garrafa contém dois rótulos, onde cada um está colado em um dos lados da garrafa. A primeira garrafa possui o rótulo onde se lê: “curador”, e vê-se a imagem de uma cobra; do outro lado da mesma garrafa se lê “marchand” e vê-se a imagem de uma aranha. A segunda garrafa possui um rótulo onde se lê “coleccionador”, e vê-se a imagem de uma abelha do outro lado da mesma garrafa lê-se: “artista”, e vê-se a imagem de

uma águia. A terceira garrafa possui um rótulo onde se lê “museu”, e vê-se a imagem de um cachorro (da raça Pastor Alemão); do outro lado da mesma garrafa lê-se “espectador” e a imagem é uma superfície reflexiva, como um espelho.)

A traição é produtora de desvios. Desvios são rumos naturais gerados por pontos sólidos e paralisados, leitões profundos e receptores, fragmentos esparsos por vezes levados pelos desvios de fluxos, recolocados em outros locais, permanecendo passível de trânsito, pneus, corpos, peixes, chuva gerando tromba d’água, do olho d’água ao turbilhão das pororocas. Desvios possibilitam a multiplicidade, a diversidade, dificultam os critérios, as normas, as regras, deixam os teóricos desnaturalizados, os historiadores sem palavras, os críticos sem genealogia. São como hulhas, brancas e/ou azuis, potencialidade energética.

Traição é também como ato ou efeito de linha de fuga (DELEUZE, 1995), estado transitório à espreita de *affecto*.

Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima (Paulo Vanzolini, 1962).

O que nos interessa em arte, em arte contemporânea é realizar e refletir sobre estes processos traiçoeiros, necessariamente voluptuosos, que engendram a própria arte em seus múltiplos processos, isto é, em sua transversalidade fugidia. Ou, a traição na arte contemporânea é pregar uma boa peça. *Queremos no divertir.*

¹ Cf. ZIENLINSKY, Monica. *Fronteiras*. Porto Alegre: EDUFGRS, 2003.

² CORREA, Gabriele, Luciana, pesquisa de mestrado em andamento, PPG-Arte, UnB, Orientadora Professora Doutora Maria Luiza Fragoso.

³ Referência ao filme *Estamira*, direção de Marco Prado, Rio de Janeiro, 2006, dur. 115 minutos.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Teodoro. *Teoria estética*. Lisboa: Martins Fontes, 2008.

ECO, Humberto. *Obra aberta - Forma e Indeterminação nas Poéticas Contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DELY, Carole. La tradition entre fidélité et trahison - Pensées sur la tolérance In : <http://www.sens-public.org/spip.php?article482>, 2007, acessado em 10/04/2009.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa - Filosofia prática*, São Paulo, Escuta, 2002.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. *Gêneses, genealogias, gêneros e o gênio*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FOUCAULT, Michael. *Um diálogo sobre os prazeres do sexo*. São Paulo: Landy, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SPINOZA. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard (Bibliothèque de la Pléiade), 1954.

Larissa Ferreira. Mestranda em Arte pela Universidade de Brasília. Performer, videoartista e intervencionista. Membro do Grupo Corpos Informáticos. Docente da Secretária de Educação do Distrito Federal.

Maicyra Teles Leão e Silva é professora efetiva do Núcleo de Teatro da Universidade Federal de Sergipe, performer, diretora e produtora cultural. Trabalha com margens e resistências poéticas não-espetaculares. Colaboradora perene do Grupo de pesquisa Corpos Informáticos.

Maria Beatriz de Medeiros é professora doutora do PPG-arte, UnB e Departamento de Artes Visuais. Ex-orientadora de Maicyra Leão (Mestrado), orientadora de Larissa Ferreira (Mestrado), ex-orientadora de Marta Mencarini (PIBIC-UnB).

Marta Mencarini Guimarães. Mestranda em Arte e tecnologia pela Universidade de Brasília - UnB. Performadora, videoartista, intervencionista. Foi membro do *Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos* de 2003 à 2007. Atualmente é integrante do *Grupo Mesa de Luz*, juntamente aos artistas plásticos Hieronimus do Vale e Tomás Seferin.